

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização / Psicologia Clínica

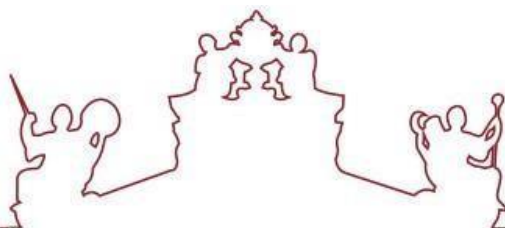
Dissertação

**Autonomia: um estudo quantitativo sobre a perceção
de pais de crianças pequenas sobre práticas
parentais**

Patrícia Andreia Weber Marcelino

Orientador/ Prof^a Doutora Catarina Vaz Velho

Évora 2022



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização / Psicologia Clínica

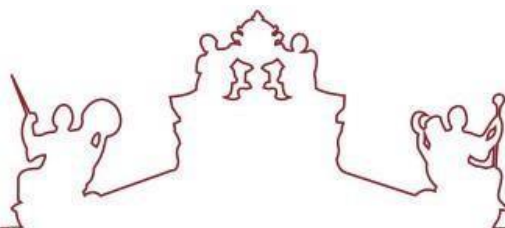
Dissertação

**Autonomia: um estudo quantitativo sobre a perceção
de pais de crianças pequenas sobre práticas
parentais**

Patrícia Andreia Weber Marcelino

Orientador/ Prof^ª Doutora Catarina Vaz Velho

Évora 2022



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente		Nuno Rebelo dos Santos (Universidade de Évora)
Vogais		Catarina Vaz Velho (Universidade de Évora) (Orientador)
		Isabel Sá (Universidade de Lisboa) (Arguente)

Agradecimentos

À professora Catarina por todo o conhecimento que partilhou ao longo destes meses e por me ensinar o significado de investigação, por estimular o raciocínio próprio e por acreditar em mim.

A todos os pais que participarem neste estudo e que permitiram compreender melhor a sua realidade, podendo contribuir para o conhecimento sobre a parentalidade.

À Mãe e ao Paps por todo o amor que me dão e por me apoiarem mesmo quando a minha motivação parece desaparecer.

À Morujão, Catarina, Sara pelo vosso apoio incondicional, por me permitirem pensar sobre mim mesma e por serem companheiras para a vida.

Às amigas de Évora (Dores, Beu, Filipa, Caruncho, Beatriz, Linda, Nicole e Joana) pelas conversas intensas e “vazias” que nos ligam, por me mostrarem que a bondade é o caminho a seguir.

Aos meus amigos de Azeitão e de Setúbal (Mariana, Goma, Bernardo, Torrinha e Maria) pelos momentos de descontração, por todos os momentos que me enriquecem e pela vossa amizade.

Ao Rafa, mais do que um irmão, é o meu melhor amigo, sempre disposto a ajudar e que no silêncio muitas vezes nos encontramos.

Ao Pedro pelo carinho nos momentos em que não acreditei em mim e por me mostrar que o amor é uma viagem que merece ser vivida.

Às estrelinhas que guardo no céu (Avô, Avó e Oma) que sei que estariam orgulhosos de mim neste momento, tenho-vos sempre presentes e àqueles que da Alemanha me acompanham, Opa, Norma, Jensi, Lukki...

A Évora por me dar esta oportunidade de vivenciar alegrias e tristezas dentro das suas muralhas, por ser o meu lugar de conforto.

A todos os que me acompanharam e me tornaram na pessoa que sou hoje.

Autonomia: um estudo quantitativo sobre a percepção de pais de crianças pequenas sobre práticas parentais

Resumo

O presente estudo procurou conhecer as práticas parentais dos participantes, nomeadamente no Apoio à Autonomia e, ainda, explorar a possível relação quer do nível socioeconómico quer das práticas parentais dos pais dos participantes nessas suas práticas. Para tal, 490 pais responderam online a um questionário sociodemográfico e a duas versões em português do *Parent as Social Context Questionnaire* (PASCQ-pais; PASCQ-filhos; Sá, Vaz Velho e Almeida, 2021). De modo geral, os resultados mostram que quer os participantes quer os seus pais, quando utilizam mais práticas parentais positivas, utilizam menos práticas parentais negativas. Relativamente à transmissão intergeracional, as práticas parentais dos pais parecem não determinar fortemente as práticas dos filhos. No que respeita ao nível socioeconómico verificou-se que este parece afetar significativamente o apoio à autonomia que os participantes sentem que receberam dos seus pais.

Palavras-Chave: Práticas parentais; Dimensões da parentalidade; Autonomia; Transmissão intergeracional; Nível socioeconómico.

Autonomy: a quantitative study about the perception of parental practices from small children parents

Abstract

This study aims to understand the participants' parenting practices, namely of Autonomy Support, and to explore the possible relationship of the socioeconomic level and of the parenting practices of the participants' parents in those practices. To this end, 490 parents answered online to a sociodemographic questionnaire and to two Portuguese versions of the *Parent as Social Context Questionnaire* (PASCQ-pais; PASCQ-children; Sá, Vaz Velho e Almeida, 2021). Overall, the results show that both participants, and their parents demonstrate that the more positive parenting practices they use, the less negative parenting practices they use. Regarding intergenerational transmission, the parenting practices of the parents seem not to strongly determine their children's practices. About the socioeconomic level, it was also found that the socioeconomic level seems to significantly affect the support for autonomy that the participants report having received from their parents.

Key words: Parenting practices; Parenting dimensions; Autonomy; Intergenerational transmission; socioeconomic status.

Índice

1 INTRODUÇÃO	1
1.1. PARENTALIDADE.....	1
1.2. VARIÁVEIS SOCIOECONÓMICAS E PRÁTICAS PARENTAIS	8
1.3. TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DAS PRÁTICAS PARENTAIS	9
2 MÉTODOS.....	10
2.1. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS DO ESTUDO.....	10
2.2. PARTICIPANTES.....	11
2.3. INSTRUMENTOS.....	11
2.4. PROCEDIMENTO	13
2.5. ANÁLISE DOS DADOS	14
3 RESULTADOS	18
3.1. CARACTERIZAÇÃO DAS PERCEÇÕES DE PAIS SOBRE AS PRÁTICAS PARENTAIS.....	18
3.2..DIFERENÇAS NAS PRÁTICAS PARENTAIS EM FUNÇÃO DE VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS..	19
3.3. INTERGERACIONALIDADE DAS PRÁTICAS PARENTAIS.....	21
4 DISCUSSÃO	23
LIMITES E ESTUDOS FUTUROS	27
CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

*“For things to reveal themselves to us, we need to be ready to abandon our views
about them.”*

Thich Nhat Hanh



Merci M. VOERZO

~ . b

1| Introdução

1. 1. Parentalidade

1.1.1. A parentalidade e as cognições parentais

A parentalidade é um fenómeno complexo, multifatorial e dinâmico, exerce influências poderosas no desenvolvimento psicológico das crianças, sendo também um componente crítico da vida adulta, é um processo que começa formalmente antes da gravidez e continua o resto da vida (Bornstein, 2006; Papoušek & Papoušek, 2002; Skinner, Johnson & Snyder, 2005).

A parentalidade tem como principal objeto de atenção e ação a criança, mas a parentalidade também é um *status* no curso da vida com consequências para os próprios pais. Os pais preocupam-se com o bem-estar diário dos seus filhos e o seu desenvolvimento a longo prazo, possuindo também uma preocupação com eles mesmos enquanto pais, procurando entender esta nova fase das suas vidas (Bornstein, 2006). Os pais criam nesta fase das suas vidas cognições relativas ao desenvolvimento dos seus filhos.

As cognições parentais incluem perceções, atitudes e conhecimento de todos os aspetos da parentalidade e da infância, afetando as avaliações dos pais sobre o desenvolvimento infantil no geral e em específico, do seu filho. Dentro das cognições parentais incluem-se as crenças, que permitem a organização do mundo de uma forma psicologicamente consistente, fazer previsões, entender semelhanças e relacionar novas experiências com experiências passadas. As cognições parentais fornecem desta forma aos pais um meio de estabelecer prioridades parentais, para avaliar o sucesso na educação dos filhos, para preservar a autoeficácia e para avaliar ainda o método mais eficaz de educação dos seus filhos assim como entender o papel da criança em casa (Baldwin, Kalhoun, & Breese, 1945; Teti & Candeleira, 2002).

De forma a entender a parentalidade abordaremos de seguida os modelos de necessidades e a sua importância na parentalidade.

1.1.2. Necessidades psicológicas e esquemas

O modelo motivacional entende que os seres humanos regem as suas ações no sentido da regulação das suas necessidades básicas (Maslow, 1954).

A satisfação das necessidades psicológicas vitais humanas parece estar relacionada com as diferenças de bem-estar entre indivíduos. Estas necessidades são caracterizadas como universais, quando aplicadas a todos indivíduos, como afetando uma ampla variedade de comportamentos e, como levando a efeitos nocivos quando não satisfeitas (Baumeister & Leary, 1995; Deci & Ryan, 2008). São definidas por diferentes autores diferentes necessidades psicológicas fundamentais.

Ainsworth (1989) acredita que o comportamento de apego tenha evoluído através da seleção natural por produzir uma vantagem de sobrevivência, sendo demonstrado que défices na socialização levam a uma variedade de efeitos nocivos, dados que são consistentes com a visão de que pertencer (*belonging*) é uma necessidade e não um mero desejo. Quer Ainsworth (1989) quer Baumeister & Leary (1995) afirmam a existência de uma necessidade psicológica fundamental, sendo esta a necessidade de proximidade, uma necessidade de interações frequentes e afetivamente agradáveis com outras pessoas e que devem ocorrer no contexto de uma estrutura temporalmente estável e duradoura de preocupação afetiva com o bem-estar mútuo. A ameaça externa a esta necessidade parece aumentar a tendência de formar laços fortes. Formar ou solidificar ligações sociais geralmente produz emoções positivas, enquanto ameaças reais, imaginárias ou mesmo potenciais aos laços sociais geram uma variedade de estados emocionais desagradáveis.

Segundo Deci & Ryan (2000) há 3 necessidades psicológicas fundamentais: a necessidade de competência, a necessidade de autonomia e a necessidade de proximidade. A necessidade de competência é definida como "a necessidade de experimentar a si mesmo como capaz de produzir os resultados desejados e evitar resultados negativos". A necessidade de autonomia é definida como "a experiência de escolha no começo, na manutenção e na regulação duma atividade, experienciando conexão entre as próprias ações e, os objetivos e valores pessoais". A necessidade de proximidade "engloba a necessidade de se sentir seguro e conectado ao meio social, de se sentir digno e capaz de amar e respeitar".

Sugerir que as três necessidades são universais e persistentes em termos de desenvolvimento não significa que estas sejam imutáveis ao longo da vida ou que os modos de expressão sejam os mesmos em todas as culturas. Sendo que a satisfação das

necessidades é facilitada pela internalização e integração de valores e comportamentos culturalmente criados, os indivíduos tendem ainda a expressar a sua competência, a sua autonomia e a sua proximidade de forma diferente nas diferentes culturas (Ryan & Deci, 2000).

Outros modelos de necessidades sugerem como necessidades psicológicas fundamentais: a necessidade de relações seguras que incluem as necessidades de segurança, estabilidade, *nurture* e aceitação, bem como com a sensação de que o mundo é seguro, protegido e previsível; a necessidade de autonomia, competência e sentimento de identidade, a necessidade de ter liberdade para expressar necessidades válidas e emoções, (este construto refere-se à extensão na qual os processos de socialização facilitam e não interferem no desenvolvimento da criança de uma ideia independente de identidade, eficácia e valor); a necessidade de espontaneidade e de brincar; a necessidade de ter limites realistas e de autocontrolo pois, sem uma regulação adequada no ambiente social, as crianças não aprendem a se autorregular e, conseqüentemente, tendem a ser impulsivas, propensas a correr riscos, mais propensas a se envolver em várias formas de comportamento antissocial (Barber, 1997; Benecke, 2014; Vaz-Velho, 2016).

Quando as necessidades psicológicas fundamentais das crianças não são satisfeitas estas podem estar na origem de esquemas mal adaptativos precoces. Segundo a Teoria dos Esquemas de Young, esquemas maladaptativos precoces correspondem a um padrão emocional e cognitivo prejudicial e desenvolvido no início da vida do indivíduo (Benecke, 2014). Estes esquemas podem no entanto ser acionados ao longo da vida, quando um esquema é acionado, os indivíduos experimentam uma forte emoção negativa, como tristeza, medo ou raiva, existindo diversas formas desadaptativas de enfrentar os esquemas, como a resignação, aceitando o esquema não tentando confrontá-lo; o evitamento, o indivíduo tenta que o esquema nunca seja ativado e a hipercompensação, o indivíduo enfrenta o esquema comportando-se como o oposto desse mesmo esquema (Benecke, 2014; Labouvie-Vief, 1982; Lopes et al., 2014; Young, Klosko, & Weishaar, 2003).

1.1.3. Práticas parentais

As práticas parentais referem-se aos comportamentos (verbais, afetivos e físicos) que os pais adotam para um determinado objetivo, ou seja, a forma como os pais organizam e materializam o mundo da criança (Bornstein, 2006). Já os estilos parentais são definidos como as características ou as qualidades da parentalidade, ou seja, como o

esquema que capta a natureza da parentalidade (Baldwin, Kalhoun, & Breese, 1945, Belsky, 1984). Por exemplo, alguns pais tendem a evitar os “fardos” da parentalidade: uns ignorando, outros controlando. Vendo-se sobrecarregados com uma família, estes estilos de pais tendem a criar os seus filhos com um mínimo de esforço, parecendo desta forma ser mais fácil dar ordens à criança do que deixá-la ter voz nas decisões. Quando a criança é desobediente, os pais têm pouca inclinação para fazer qualquer coisa além de puni-la, não tentam ou fazem poucas tentativas de compreender a criança, a sua hostilidade leva-a a frustrar a criança desnecessariamente ou a ignorá-la.

É necessário explorar a influência dos diferentes contextos e a história de desenvolvimento e da personalidade também nas práticas parentais, sendo importante ter em conta as diferenças culturais (Coll & Patcher, 2002). Por exemplo, nos estudos de Kelley & Tseng (1992) foram comparadas as diferenças culturais de mães de crianças dos Estados Unidos com origem europeia e de mães da China. As mães chinesas, que tradicionalmente valorizam a interdependência mútua, consideram a inibição comportamental em crianças pequenas uma característica positiva, a inibição de comportamento foi positivamente associada à aceitação da criança pela mãe e à crença materna em encorajar o sucesso das crianças. Em contraste, para as mães americanas de origem europeia, que tradicionalmente possuem uma orientação mais individualista, a inibição comportamental está negativamente associada à aceitação materna e ao incentivo ao desempenho dos filhos. A inibição comportamental em crianças foi associada a atitudes positivas em mães chinesas e atitudes negativas em mães americanas. Demonstrando assim como o mesmo comportamento da criança pode possuir significados diferentes em diferentes culturas e por sua vez, levar a práticas parentais diferentes, sendo estas mais ou menos punitivas.

Para além das diferenças culturais é importante também referir que pais e mães parecem interagir e cuidar dos seus filhos de forma complementar e, ainda, que deve ser tida em conta a influência dos estilos parentais ao longo das gerações (Bornstein, 2006).

1.1.4. Estilos parentais

Os pais adotam diferentes práticas parentais que se podem organizar em padrões ou esquemas. Estes esquemas que captam a sua parentalidade são os estilos parentais. Para uma melhor compreensão dos estilos parentais há que ter em atenção: a atitude emocional dos pais em relação à criança, dependente das frustrações e satisfações da parentalidade, e a teoria dos pais sobre o que é a parentalidade (Baldwin, Kalhoun, & Breese, 1945). O

estilo parental pode ter em conta diferentes conceitos, como por exemplo, a autocracia e a indulgência.

Por exemplo, os pais indulgentes não parecem ter uma motivação forte e persistente que determina a sua reação em cada situação (ao contrário dos pais autoritários) e reagem perante as situações tendo em conta o seu humor momentâneo e este humor que é utilizado como uma forma de tolerância gentil, leva à indulgência aleatória dos desejos da criança (Baldwin, Kalhoun, & Breese, 1945). Segundo os autores citados, os estilos parentais podem ser divididos em indulgentes, democráticos e indulgente democrático. Os três conceitos fundamentais, democracia, indulgência e aceitação, podem interagir de maneiras diversas para descrever estilos parentais diferentes. Existe ainda o conceito de pais pseudo-democráticos pais que aparentemente permitem à criança a participação em algumas decisões, não permitindo ao mesmo tempo que a criança tenha grande liberdade para tomar decisões fundamentais.

Os estilos parentais podem ainda ser divididos em autoritativo, autoritário, permissivo e desinteressado (Bornstein, 2006). O estilo parental autoritativo combina altos níveis de afeto com níveis moderados a altos de controlo; o estilo autoritário, combina altos níveis de controlo com pouco afeto e pouca capacidade de resposta às necessidades dos filhos; e ao estilo permissivo corresponde pouco controlo.

De forma a entender melhor o estilo parental das famílias Lorr & Jenkins (1953) colocam três questões: “Até que ponto esta família sustenta e incentiva a dependência até que ponto nega a satisfação à dependência?”; “Até que ponto as suas práticas parentais refletem práticas e valores democráticos, ou até que ponto são autoritários e não democráticos?” e “Até que ponto existe uma ordem estrita na família ou até que ponto o lar é relaxado e desorganizado?”.

Tendo em conta estas questões e as diferenças nos estilos parentais, é possível afirmar que os estilos parentais positivos ou de alta qualidade estão relacionados não só com o afeto, como também com estrutura e autonomia; e que os estilos parentais negativos ou prejudiciais não estão apenas relacionados com a rejeição, mas também com o caos e coerção ou, ainda, com um estilo parental democrático que, como não tende a encorajar a dependência, está relacionado com menos organização e como sendo menos efetivas do que pais com um estilo mais autoritário (Lorr & Jenkins, 1953; Skinner, Johnson & Snyder, 2005).

As diferentes práticas parentais e estilos parentais possuem diferentes características relacionadas com as diferentes dimensões da parentalidade.

1.1.5. Dimensões da parentalidade

O modelo motivacional, Skinner, Johnson & Snyder (2005), definiu um conjunto de dimensões centrais do estilo parental. Sendo estas: *As Dimensões de Afeto e Rejeição*, em que o Afeto é a dimensão relacionada com a expressão do amor, da apreciação, da generosidade, que inclui disponibilidade emocional, suporte e cuidado genuíno e a dimensão de rejeição/hostilidade é caracterizada pela expressão da aversão, hostilidade, dureza, irritabilidade; *As Dimensões de Estrutura e Caos*, em que a estrutura é a dimensão relacionada com a orientação na escolha da informação que é útil para os objetivos da criança e o Caos se refere à dimensão relacionada à expressão da inconsistência, imprevisibilidade, arbitrariedade que interfere ou confunde os caminhos a seguir; e por último, *as Dimensões de Autonomia e Coerção* em que a autonomia é a dimensão que se relaciona com a liberdade de escolha, permitindo a exploração, a descoberta e articulação dos pontos de vista, objetivos e preferências da criança e a Coerção a dimensão relacionada com o controlo psicológico, no sentido intrusivo, restritivo e controlador, em que a obediência é exigida. Apesar destas dimensões terem sido aqui apresentadas aos pares, os autores referidos mostraram exatamente a importância de as avaliar e considerar de modo individual e de explorar a complexidade e riqueza de cada uma das dimensões e padrões.

O foco do estudo que aqui propomos realizar será sobre *a dimensão de Apoio à Autonomia*, sendo a autonomia, uma dimensão relacionada com a liberdade de escolha, que permite às crianças explorarem, descobrirem e articularem os seus pontos de vista, os seus objetivos e as suas preferências, em que os processos de socialização facilitam e não interferem no desenvolvimento da criança de um modo independente, promovendo um sentimento de identidade e controlo (Barber, 1997; Ryan, 1991). A autonomia descreve um processo de “autogoverno” em que se regula e direciona o próprio comportamento (Ryan, 1991).

Quando autónomas, ou seja, quando as crianças têm a sua necessidade de autonomia satisfeita, sentem-se iniciadoras do seu próprio comportamento, selecionando os resultados desejados e escolhendo como alcançá-los, pois a escolha é caracterizada por flexibilidade e por ausência de pressão. À medida que se é mais autónomo, a autonomia está relacionada com a autoconfiança, a capacidade de intimidade, a motivação para a realização, o prazer em brincar e trabalho, amizades e sucesso académico (Bornstein, 2006; Deci & Ryan, 2000). Quando autodeterminados, os indivíduos experimentam um

maior sentimento de autonomia relativo às suas ações e, essas ações, são caracterizadas pela integração e ausência de conflito e pressão (Deci & Ryan, 2000).

A autonomia é alimentada pela sintonia nas relações interpessoais, sendo que o seu desenvolvimento depende, quer de qualidades específicas de nível interpessoal, quer do contexto social de desenvolvimento (Ryan, 1991).

Assim uma ideia importante relacionada com a autonomia e a que neste estudo damos uma especial atenção, é o apoio à autonomia, isto é, o processo em que a autonomia (individualização, diferenciação) é socializada, ou seja, a medida em que os pais são responsivos, reflexivos e validam as opiniões, os sentimentos e as perspectivas da criança (Clark, & Ladd, 2000). O apoio à autonomia é definido como o grau em que os pais valorizam e usam estratégias que encorajam aos seus filhos à resolução independente de problemas, à escolha e à participação nas decisões e promovendo assim um sentido à criança de identidade, eficácia e valor (Grolnick & Ryan, 1989; Barber, 1997).

O apoio à autonomia no estudo de Grolnick & Ryan (1989) previu positivamente a autorregulação das crianças e foi inversamente relacionado aos problemas de aprendizagem, demonstrando que, quando os pais satisfazem a necessidade de autonomia, as crianças são intrinsecamente mais motivadas, mas também mais autónomas para a realização de atividades extrinsecamente motivadas.

Todo o comportamento intencional pode ser caracterizado variando no grau de autonomia relativa. Num extremo temos tendo um *locus* de causalidade percebido como interno e, no outro, com um *locus* de causalidade percebido como externo. Podendo o apoio à autonomia promover estes dois extremos, a regulação autónoma é facilitada quando os eventos e os contextos transmitem um apoio à autonomia significativo e a regulação é promovida quando eventos e contextos têm um controlo funcional (Deci & Ryan, 2000).

O apoio à autonomia pode referir-se ainda à quantidade de escolha oferecida por professores e pais para ajudar as crianças a desenvolver certos comportamentos de acordo com os seus objetivos (Connell & Wellborn, 1991).

Por contraste ao apoio à autonomia, a dimensão da coerção é caracterizada por uma maior rigidez e por uma experiência de pressão do ambiente para pensar, sentir ou agir de forma específica (Deci & Ryan, 2000). Coerção é descrita como controlo psicológico, e referente ao estilo autocrático intrusivo, restritivo e controlador, onde a obediência é exigida (Aulia, 2017; Fletcher et al., 2008; Ribeiro, 2016; Skinner, Johnson & Snyder, 2005). As interações coercivas entre pais e filhos são preditivas de comportamentos

agressivos das crianças, sendo que pais que são inconsistentes com a disciplina relacionam-se com interações ineficazes de disciplina (Teti & Candelaria, 2002).

No estudo de Grolnick et al. (2002) foi demonstrado que quando a autonomia dos filhos era apoiada, estes alcançavam uma maior compreensão conceptual de uma tarefa a ser realizada tornando-se capazes de realizar a tarefa sozinhos. Foi identificado ainda que o envolvimento dos pais na tarefa, pode ter um impacto negativo nos filhos, nomeadamente criando maiores sensações de pressão e tensão no envolvimento na tarefa.

1.2. Variáveis socioeconómicas e práticas parentais

A parentalidade é influenciada por múltiplas variáveis, entre elas está o nível socioeconómico (Belsky, 1984). O nível socioeconómico (NSE) apresenta um impacto nas práticas parentais. Por um lado, o stress resultante do nível socioeconómico baixo parece reduzir a qualidade das interações pai-filho, por exemplo, alguns estudos mostram que os pais que sofrem de privação económica e stress relacionado com salário baixo e pobreza manifestam menos *nurturance* nas suas relações com os seus filhos (Clark & Ladd, 2020). Já um NSE mais elevado, relaciona-se com uma maior probabilidade de um pai apoiar a independência da criança (Clark & Ladd, 2020; Park & Lau, 2016). No entanto, alguns autores defendem que não é o nível socioeconómico que, diretamente, tem relação com as práticas parentais, mas sim, o grau em que os pais estão disponíveis para os seus filhos, sugerindo que podem não ser as horas reais gastas em casa com a criança que têm impacto nas práticas parentais mas, antes, a disponibilidade em relação às necessidades do filho (Grolnick & Ryan, 1989; Ryan, 1991).

O nível socioeconómico é visto então como não sendo, em si, o que afeta diretamente as práticas parentais, mas antes como mediador está o envolvimento dos pais (Grolnick & Ryan, 1989; Grolnick et al, 2002). Alguns exemplos: as abordagens motivacionais tendem a ver o NSE como facilitador ou inibidor deste envolvimento (Connell & Wellborn, 1991); alguns estudos apoiam em específico que o stress resultante da instabilidade financeira reduz a qualidade das interações entre pais e filhos (Belsky, 1984; Bornstein, 2006; Clark & Ladd, 2020; Flax, 1978) contribuindo também para piores resultados de saúde (Lehman et al., 2005) e, em específico, para pior saúde mental (Roubinov & Boyce, 2017) influenciando desta forma as práticas parentais. Alguns estudos indicam ainda que não é somente o NSE que define as práticas parentais, mas também, a percentagem de tempo que os pais partilham a responsabilidade pela educação do seu filho e a percentagem

de tempo que o coabitam com o seu educando (Grolnick & Ryan, 1989; Ryan, 1991).

Diferentes autores defendem diferentes impactos do NSE. Por exemplo, alguns autores defendem a existência de uma relação entre um nível socioeconómico mais alto e o apoio à autonomia (Simões, Calheiros & Alarcão, 2018) enquanto outros apoiam a existência de uma relação entre um nível socioeconómico mais baixo e a autonomia dos filhos sustentando que, por existirem menos recursos disponíveis, os filhos bem como os seus pais podem adquirir uma maior perceção de autodeterminação (e.g. Azar, 2002).

1.3. Transmissão intergeracional das práticas parentais

A transmissão intergeracional das práticas parentais parece ser um ponto chave no aumento da vulnerabilidade ou na diminuição dos fatores de proteção em situações de risco, sendo definida como o modo em que uma geração influencia as crenças e comportamentos parentais da próxima (Bornstein, 2006; Cicchetti & Rizley, 1981).

Esta transmissão pode ser compreendida, por exemplo, examinando-se a transmissão dos fatores de risco para maus-tratos na infância, ou seja, estudando os fatores que aumentam ou diminuem a probabilidade de maus-tratos. Entender que uma geração influencia as crenças e comportamentos parentais da próxima, pode querer dizer, por exemplo que o uso de técnicas fisicamente agressivas e punitivas na geração avós-pais pode predizer um comportamento semelhante na geração pais-netos e no comportamento antissocial nos netos. No entanto, alguns indivíduos quebram este ciclo e não utilizam as práticas parentais que foram utilizadas consigo com os seus próprios filhos. Por exemplo, é possível que certas características pessoais do indivíduo que sofreu de maus-tratos possibilitem a não utilização dos maus-tratos como prática ou ainda que a existência de apoio e influência de outras pessoas, que não os pais, tenham permitido a interrupção desta transmissão (Azar, 2002; Bornstein, 2006; Cicchetti & Rizley, 1981; Hunter & Kilstrom, 1979).

2| Métodos

Neste capítulo apresentamos primeiramente os objetivos deste estudo, seguidos da caracterização dos participantes, dos instrumentos utilizados, do procedimento e do procedimento da análise dos dados.

2.1. Introdução e Objetivos do estudo

O presente estudo integrou-se num projeto de investigação mais alargado de colaboração da responsabilidade de uma docente da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Isabel de Sá, e uma docente da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, Catarina Vaz-Velho, sendo que no projeto geral participaram 4 mestrandas, duas de cada Universidade.

O nosso estudo pretende avaliar as perceções relativas às práticas parentais. O estudo aprofundado das perceções das práticas parentais por parte dos pais e dos filhos é essencial não apenas para o conhecimento destas práticas e de investigar como se transmitem de geração em geração, mas para poder contribuir para uma melhor intervenção junto das famílias, através de informação sobre as práticas parentais e o seu impacto nas gerações seguintes. Mais especificamente, é importante entender esta transmissão na dimensão da parentalidade Apoio à Autonomia, esta dimensão revela ser de enorme relevância para o autodesenvolvimento da criança, sendo as práticas parentais associadas a esta dimensão fulcrais para a criança se poder explorar e se poder descobrir. Os diferentes estudos abordados no capítulo anterior revelam ainda que não existe um consenso em relação à influência do nível socioeconómico (NSE) nas práticas parentais e em específico em relação à dimensão Apoio à Autonomia, desta forma investigámos neste estudo a relação do NSE e das perceções das práticas parentais utilizadas pelos participantes e das perceções das práticas parentais utilizadas pelos pais dos participantes com os participantes, especificamente nas práticas relacionadas com o apoio à autonomia. Desta forma o nosso estudo tem os seguintes objetivos:

- 1) avaliar as perceções dos pais sobre as práticas parentais que utilizam e especificamente na dimensão da autonomia
- 2) avaliar as perceções dos pais sobre as práticas parentais que foram utilizadas consigo pelos seus próprios pais e especificamente na dimensão da autonomia

3) explorar se há diferenças nas práticas parentais, especificamente na dimensão da autonomia, em função do nível socioeconómico

4) explorar se existe relação e qual a relação entre as práticas parentais utilizadas, no presente, pelos participantes com os seus filhos e as anteriormente utilizadas pelos pais dos participantes e especificamente na dimensão da autonomia.

2.2. Participantes

A amostra inicial deste estudo era composta por 566 participantes sendo, no entanto, a amostra final de 478 pais em Portugal, os restantes não se enquadravam nos critérios de inclusão ou não responderam aos instrumentos por completo.

A idade dos educandos dos participantes constituiu um critério de inclusão dos participantes no estudo, devendo esta situar-se entre os 5 e os 12 anos. A recolha de dados foi realizada pela mestranda, juntamente com outra colega de curso e duas colegas da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa através de uma plataforma *online*, entre dia 15 de Junho e 30 de Julho de 2021. Foi disponibilizado um link de acesso ao protocolo inserido na plataforma Qualtrics XM. que foi partilhado por redes sociais e enviado por e-mail. Foram recolhidas 566 respostas.

2.3. Instrumentos

Primeiramente foi utilizado um questionário sociodemográfico. Este incluía questões relativas aos participantes e aos seus educandos, sendo estas relativas ao sexo, idade, naturalidade, escolaridade, profissão, estado civil.

Foram utilizados neste estudo ainda 2 instrumentos para avaliar as perceções dos pais sobre as suas práticas parentais, bem como as práticas utilizadas consigo pelos seus pais e ainda um instrumento para avaliar a regulação emocional dos participantes (que não será alvo do presente estudo).

2.3.1. Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico integra questões relativas às características sociodemográficas dos participantes, sendo estas relativas ao sexo, idade, estado civil, a percentagem como o participante sente que partilha a responsabilidade pela educação/cuidado seu filho, o seu nível socioeconómico, o número de filhos que tem e a percentagem de tempo que coabita com o seu filho. Relativamente ao educando sobre o

qual o participante respondeu, o questionário sociodemográfico questiona o sexo do educando, a sua idade e o ano de ensino que frequenta.

2.3.2. PASCQ- Questionário (sobre) pais como contexto social (forma pais)

De forma a avaliar as práticas parentais utilizadas pelos participantes com os seus filhos, foi utilizado o questionário *Parent as Social Context Questionnaire – Forma Pais*, (Skinner, Johnson & Snyder, 2005) versão portuguesa de Sá, Vaz–Velho & Almeida (2021).

O questionário *PASCQ- Forma Pais* é uma medida de autorrelato tipo *Likert* em que as respostas variam de 1- “nada verdadeira” e 4-“muito verdadeira” em relação à forma como sentem que são as suas práticas parentais. O questionário é dividido em 6 domínios correspondentes às 6 dimensões da parentalidade. Cada dimensão é composta entre 5 a 7 itens, sendo o questionário composto por um total de 33 itens. Sendo estes: Afeto (itens 1, 7, 12, 18, 20, 26 e 33); Rejeição (2, 8, 13, 14 e 29); Estrutura (3, 9, 15, 22, 28 e 32); Caos (5, 10, 17, 24 e 30); Autonomia (4, 11, 16, 19 e 25); Coerção (6, 21, 23, 27 e 31). Na versão de Skinner, Johnson & Snyder (2005) o questionário (sobre) pais como contexto social apresentou uma consistência interna variando entre 0.78 e 0.88.

2.3.3. DERS-18 Short Version- Escala de regulação de emoção

De modo a avaliar a regulação emocional dos participantes, utilizou-se a Escala *DERS-18- Short Version* (Gratz & Roemer, 2004; Kaufman et al., 2016) Versão Portuguesa de Fernandes, Pinheiro, & Sá (2017). A Escala de Regulação de Emoção (DERS) é uma medida de autorrelato bem validada e amplamente utilizada para avaliar os problemas de regulação das emoções entre adolescentes e adultos, no entanto.

A DERS é dividida em seis domínios com três itens cada, sendo 18 itens numa escala *lickert* de 5 pontos do 1 (quase nunca se aplica a mim) ao 5 (aplica-se quase sempre a mim). Sendo os domínios: não aceitação das emoções negativas (não-aceitação- itens 12,25, 29), incapacidade de se envolver em comportamentos dirigidos por objetivos quando experiencia emoções negativas (objetivos- itens 18, 26, 13), dificuldades em controlar comportamento impulsivo quando experiencia emoções negativas (impulsos- itens 14, 32, 27), acesso limitado a estratégias de regulação emocional que são percebidas como efetivas (estratégias- itens 35, 28, 16), falta de consciência emocional (consciência- itens 8, 10, 2) e falta de clareza emocional (clareza- itens 9, 5, 4). Na versão de Kaufman (2016) a escala DERS-18 apresenta propriedades psicométricas adequadas, designadamente em

termos de consistência interna (0,89). NOTA: Este instrumento não será mais referido, mas é aqui apresentado porque fez parte dos instrumentos apresentados aos participantes do presente estudo.

2.3.4. PASCQ- Questionário (sobre) pais enquanto contexto socialização (forma filhos)

De modo a avaliar as práticas parentais utilizadas pelos pais dos participantes foi utilizado o questionário *Parent as Social Context Questionnaire*- Forma Filhos (Skinner, Johnson & Snyder, 2005) Versão Portuguesa de Sá, Vaz-Velho & Almeida (2021).

O questionário *PASCQ*- Forma Filhos é uma medida de autorrelato tipo *Likert* em que as respostas variam de 1- “nada verdadeira” e 4 -“muito verdadeira” em relação à forma como sentem que foram as práticas parentais utilizadas pelos seus pais. dividida em 6 domínios correspondentes às 6 dimensões da parentalidade. Cada domínio é composto por 8 itens, sendo o questionário composto por um total de 48 itens. Sendo estes: Afeto (itens 1, 9, 13, 23, 30, 37, 44 e 48); Rejeição (4, 11, 18, 26, 29, 33, 39 e 46); Estrutura (2, 5, 10, 17, 24, 31, 40 e 47); Caos (3, 12, 19, 22, 27, 34, 38 e 41); Autonomia (6, 7, 15, 20, 28, 32, 35 e 42); Coerção (8, 14, 16, 21, 25, 36, 43 e 45). No estudo de Skinner, Johnson & Snyder (2005) o questionário (sobre) pais enquanto contexto socialização (forma filhos) apresenta uma consistência interna que varia entre 0.78 e 0.88.

2.4. Procedimento

Os participantes tiveram acesso à plataforma constituída com o nosso estudo através da divulgação do estudo em diferentes redes sociais bem como através de contacto direto a participantes conhecidos pelas mestrandas que correspondessem aos critérios de inclusão.

Quando os participantes acediam à plataforma era apresentado, numa primeira página, um termo de consentimento informado com a descrição das condições de participação, nomeadamente o carácter voluntário e a garantia do anonimato e confidencialidade, tendo em conta as questões éticas e deontológicas que regulam a atuação dos psicólogos no decorrer de investigações científicas (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2011) (Anexo A). Após o consentimento informado, era primeiramente apresentado um questionário sociodemográfico, em segundo lugar, o Questionário (sobre)

pais enquanto contexto socialização, em terceiro, a Escala de Regulação de Emoção e por último o Questionário (sobre) pais como contexto social.

Os dados recolhidos eram então guardados numa base de dados que posteriormente foi analisada.

2.5. Análise dos dados

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizada estatística descritiva e inferencial com recurso ao programa de análise de dados *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*.

Foram inicialmente da amostra total (N=566) retirados os sujeitos que não tinham preenchido um dos instrumentos, ou com muitas respostas em falta, bem como a participantes em que os critérios de inclusão (idades dos educandos ou serem pais) não eram respeitados, sendo que a amostra utilizada na análise contém 478 participantes. Aos restantes que apresentavam apenas 1 ou 2 itens em falta procedeu-se à *Expected Maximization* de forma a aproximar os valores em falta aos valores médios.

Procurámos neste estudo avaliar as práticas parentais tendo em conta as seguintes variáveis sociodemográficas: o NSE, a responsabilidade na educação do filho e, a percentagem de tempo de coabitação.

Antes de se proceder à análise das características sociodemográficas, a variável Nível Socioeconómico (NSE) foi criada. Sendo este construto multidimensional indexado por três fatores quantitativos relacionados com os pais- a instrução (nível de escolaridade), a profissão/ocupação e o rendimento financeiro- estes podem definir o NSE isoladamente ou em combinação (Bornstein et al., 2003). No presente estudo o nível socioeconómico (NSE) foi calculado através da profissão e o nível de escolaridade dos participantes, tendo por base a Classificação Portuguesa das Profissões 2010 (Carvalho, 2011). Assim, criámos 4 níveis de NSE denominados nível baixo, médio, médio alto e alto.

Dos 478 participantes, 461 são mulheres (96, 4%) e 17 (3,6%) são Homens. No que diz respeito à idade, a média aproximada dos participantes é de 42 anos, relativamente ao estado civil 364 participantes são casados ou em união de facto (76,2%), 67 divorciados (14%) e 47 solteiros (9,8%). Em resposta à questão “Como sente que partilha a responsabilidade pela educação/cuidado do seu filho(a)?” 189 (39,5%) participantes afirmaram partilhar a responsabilidade 50%-50%, 121 (25,3%) partilham 75%-25%,

61(12,1%) participantes partilham 90%-10%, 58 (12,2%) partilham a responsabilidade 0-100%, 27 (5,6%) partilham 25%-75% e 20 (4,2%) partilham a responsabilidade a 10%- 90%. Em relação ao nível socioeconómico, 245 (51,3%) pertencem ao nível socioeconómico 4 (alto), 130 (27,2%) ao nível socioeconómico 3 (médio-alto), 89 (18,6%) ao nível socioeconómico 2 (médio) e 14 ao nível socioeconómico 1 (baixo), a média aproximada do NSE é de 3 (médio-alto). Em relação ao número de filhos que cada participante tem, 250 participantes têm 2 filhos (52,3 %), 159 participantes têm 1 filho (33,3%), 57 participantes têm 3 filhos (11,9%) e 12 participantes têm 4 ou mais filhos (2,5%), sendo a média aproximada de 2 filhos por cada participante. Relativamente à percentagem de tempo em que habitualmente os participantes coabitam com o seu filho, 336 (70,3%) coabitam 100% de tempo, 79 (16,5%) coabitam 75%, 55 (11,5%) coabitam 50% e 8 (1,7%) coabitam 25% de tempo (Tabela 1).

Tabela 1: Características sociodemográficas (pais)

Variáveis	<i>n</i>	%	<i>M (SD)</i>
Sexo			
Feminino	461	96,4	
Masculino	17	3,6	
Idade			41,69 (4,90)
Estado Civil			
Solteiro (a)	47	9,8	
Casado (a)/União de Facto	364	76,2	
Divorciado (a)/Separado (a)	67	14,0	
<i>Como sente que partilha a responsabilidade pela educação/cuidado do seu filho (a)?</i>			
10%-90%	20	4,2	
25%-75%	27	5,6	
50%-50%	189	39,5	
75%-25%	121	25,3	
	61	15	12,8

90%-10%			
100%-0%	58	12,2	
NSE			
1	14	2,9	
2	130	27,2	
3	89	18,6	3.18 (0,93)
4	245	51,3	
Número de filhos			
1	159	33,3	
2	250	52,3	1,85 (0,80)
3	57	11,9	
4 ou mais	12	2,5	
<i>Percentagem de tempo em que coabita habitualmente com o seu filho(a)</i>			
100%	336	70,3	
75%	79	16,5	
50%	55	11,5	
25%	8	1,7	

Relativamente às características sociodemográficas do educando sobre o qual os participantes responderam, os educandos eram 47, 5% do sexo feminino e 52, 5% do sexo masculino, sendo as idades, critério de inclusão, compreendidas entre os 5 e os 12 anos (M=8,60; SD=2,23) (Tabela 2).

Tabela 2: Características sociodemográficas (educando)

Variáveis	n	%	M (SD)
Sexo			
Feminino	227	47,5	
Masculino	251	52,5	

Idade		8,60 (2,23)
Ano de ensino		
Pré-escolar	85	17,8
1º ciclo	249	52,1
2º ciclo	144	30,1

De forma a entender as características de cada instrumento e as suas dimensões procedemos a uma análise descritivas das variáveis. Para explorar se as dimensões teóricas correspondiam aos fatores do nosso estudo procedemos a uma análise fatorial exploratória, analisando o valor KMO (Kaiser-Meyer-Olkin). A análise fatorial tanto para o PASCQ-pais como para o PASCQ-filhos evidenciou 4 fatores com *eigenvalue* acima de 1, em vez dos 6 correspondentes às dimensões da parentalidade. No entanto os 2 fatores mais significativos correspondiam a itens relativos a práticas positivas e a práticas negativas, para os PASCQ-pais e PASCQ-filhos, tendo-se por isso a partir destes fatores formulado diferentes operações estatísticas.

Relativamente às análises realizadas com as diferentes variáveis, procedeu-se ao cálculo dos coeficientes de correlação que, por as variáveis do nosso estudo não respeitarem o critério de normalidade, foram Coeficientes de *Spearman*. Os coeficientes de correlação podem assumir valores de -1 a +1. Sendo o sinal positivo referente a uma correlação positiva (ao aumentar o valor de uma variável, a outra também aumenta) ou uma correlação negativa (ao aumentar o valor de uma variável aumenta, a outra diminui). Uma correlação de 1 ou -1 indica que o valor de uma variável pode ser determinado exatamente sabendo o valor da outra variável (Pallant, 2007). Segundo Cohen (1988) resultados de *r* entre .10 e .29 (ou -.10 e -.29) são considerados resultados baixos, existindo desta forma uma relação fraca entre as variáveis, valores entre .30 e .49 (ou -.30 e -.49) são considerados valores médios, relevando uma relação moderada entre as variáveis, e valores entre .50 e 1.0 (ou -.50 e -1.0) são considerados valores altos, indicativo de relações fortes entre as variáveis.

As variâncias populacionais estimadas revelaram-se ainda ser homogêneas, tal como atestam os valores do teste de Levene ($p > .05$).

Foram assim utilizados os testes não paramétricos Kruskal-Wallis, no sentido de averiguar a existência de diferenças entre grupos.

3| Resultados

Ao longo deste capítulo são apresentados os resultados de acordo com objetivos do estudo definidos no capítulo anterior. Primeiramente são apresentados os resultados que permitem caracterizar as percepções dos pais sobre as suas práticas parentais, em específico sobre a dimensão da autonomia (Objetivo 1) e as percepções sobre as práticas parentais utilizadas consigo pelos seus pais, em específico sobre a dimensão da autonomia (Objetivo 2). De seguida, são apresentados os resultados relativos à relação entre o Nível Socioeconómico e as práticas parentais em específico sobre a dimensão da autonomia (Objetivo 3). E por fim, são apresentados os resultados sobre a transmissão intergeracional das práticas parentais, procurando entender se existe relação entre as práticas parentais utilizadas no presente pelos participantes com os seus filhos e as anteriormente utilizadas pelos pais dos participantes especificamente na dimensão da autonomia (Objetivo 4).

3.1. Caracterização das percepções de pais sobre as práticas parentais

Na análise dos resultados do questionário PASCQ - Questionário (sobre) pais como contexto social (forma pais) bem como do questionário PASCQ- Questionário(sobre) pais enquanto contexto socialização (forma filhos), recorreremos ao estudo da estatística descritiva do instrumento analisando as características de cada uma das suas 6 dimensões.

Analisámos a consistência interna das escalas sendo que o alfa de Cronbach foi avaliado para cada dimensão de cada um dos questionários. No questionário PASCQ-pais o alfa de Cronbach variou entre 0,628 e 0,765, sendo a média de 2,6 e o desvio-padrão de 0,2. Este resultado é satisfatório, pois apesar de nem todas as dimensões terem obtido $\alpha > 0,7$, a média não se afasta muito deste valor. No questionário PASCQ-filhos o alfa de Cronbach variou entre 0,866 e 0,929, sendo a média de 2,44 e o desvio-padrão de 0,18. Este resultado revela uma ótima consistência interna pois todas as dimensões obtiveram um alfa maior do que 0,7 (Anexo B).

Relativamente às dimensões da parentalidade, no PASCQ-pais os participantes apresentam maiores pontuações ($M= 3,74$ e $SD=0,34$) na dimensão Apoio à Autonomia, seguida da dimensão Afeto ($M=3,49$, $SD= 40$) e da dimensão Estrutura ($M=3,44$, $SD= 0,41$). No PASCQ-filhos os participantes pontuam mais as práticas parentais, utilizadas

consigo pelos seus pais, relacionadas com as dimensões Estrutura (M= 2,89, SD= 0,73), Afeto (M= 2,88, SD= 0,77) e Autonomia (M= 2,77, SD=0,83), sendo as dimensões menos pontuadas no PASCQ-pais primeiramente a dimensão Caos (M=1,67, SD=0,49), seguida da dimensão Rejeição (M= 1,95, SD= 0,56) e pela dimensão Coerção (M= 2,08, SD= 0,6) e no PASCQ-filhos a dimensão com menos pontuação é a dimensão Rejeição (M= 1,76, SD= 0,77), seguida pela dimensão Caos (M= 1,78, SD= 0,68) e pela Coerção (M=2,57; SD=0,83) (Anexo B).

3.2. Diferenças nas práticas parentais em função de variáveis sociodemográficas

Neste subcapítulo são apresentados os resultados relativamente à relação das variáveis sociodemográficas e as práticas parentais no PASCQ-pais e no PASCQ-filhos. Apresentamos primeiramente as análises relativas ao nível socioeconómico e os instrumentos, seguidos pela análise da diferença de médias entre o nível socioeconómico e a dimensão de Apoio à autonomia nos dois instrumentos. Por último analisamos a diferença de médias entre as percentagens da Responsabilidade sentida pela educação e a percentagem de tempo em que os participantes coabitam com os seus filhos e o PASCQ- pais.

3.2.1. Nível socioeconómico e PASCQ-pais e PASCQ-filhos

De forma a entender se o NSE dos participantes tem impacto na perceção das práticas parentais realizou-se um teste não paramétrico de Kruskal-Wallis. Os resultados relativos ao NSE e ao PASCQ-pais demonstram que o nível socioeconómico alto (4) apresenta uma média superior em relação aos outros grupos (M=241,02) seguido do nível socioeconómico baixo (M=240,46), do nível socioeconómico médio (M=238,82) e por último do nível socioeconómico médio-alto (M=236,17). O Teste de Kruskal-Wallis demonstra ainda que as diferenças entre médias não são estatisticamente significativas ($\chi^2(3) = .085$; $p > .05$) (Anexo C).

Relativamente à relação entre o NSE e o PASCQ-filhos pode-se observar que ao contrário do NSE e PASCQ-pais o nível socioeconómico baixo é o que tem uma maior média (M=283,36), sendo seguido do nível socioeconómico alto (M=243,20), do nível socioeconómico médio-alto (M=235,62) e por último do nível socioeconómico médio (M=230,45), apesar destas diferenças o Teste de Kruskal-Wallis demonstra que as

diferenças entre médias não são estatisticamente significativas ($X^2(3) = 2.219$; $p > .05$) (Anexo C).

3.2.2. Nível socioeconómico e Apoio à Autonomia

Relativamente à dimensão “Apoio à autonomia”, através da análise dos resultados obtidos verifica-se que em relação ao PASCQ-pais o grupo de participantes enquadrados no nível socioeconómico alto (4) apresenta uma média superior aos restantes grupos ($M=249,79$), o que significa que este grupo possui resultados mais elevados nos itens correspondentes à dimensão apoio à autonomia no questionário PASCQ-pais. Sendo que os outros níveis socioeconómicos apresentam uma média menor [o nível baixo ($M=241,00$), o nível médio ($M=215,99$) e o nível médio alto ($M=245,27$)]. Mesmo assim, os resultados demonstram que as diferenças entre médias não são estatisticamente significativas ($X^2(3) = 5,932$; $p > 0.05$) (Anexo C).

Apesar das médias apontarem no sentido de maior nível socioeconómico estar relacionado com maiores pontuações relativas ao apoio à autonomia, apenas relativamente ao PASCQ-filhos encontramos uma diferença significativa. Através dos resultados obtidos do teste de comparação de médias não paramétrico Kruskal-Wallis, verifica-se que tal como no PASCQ-pais, o nível socioeconómico alto (4) apresenta uma média ($M= 262,43$) superior aos restantes níveis socioeconómicos, tanto o nível socioeconómico baixo ($M=199,75$) como o nível socioeconómico médio ($M=196,50$) e médio-alto ($M=245,43$). As diferenças entre médias relativas ao nível socioeconómico e ao apoio à autonomia são estatisticamente significativas, desta forma o nível socioeconómico afeta significativamente as práticas parentais relacionadas com o apoio à autonomia que os participantes sentem que receberam dos seus pais (PASCQ-filhos) ($X^2(3) = 20.72$; $p = .00$) (Anexo C).

3.2.3. Responsabilidade pela educação e percentagem de tempo coabitação

De forma a averiguar a existência de diferenças significativas entre as médias do PASCQ- pais em função de como o participante sente que partilha a responsabilidade pela educação do seu filho procedeu-se ao teste de comparação de médias de Kruskal Wallis, sendo que os pais que sentem que partilham 90%-10% da sua responsabilidade pela educação do seu filho têm uma média superior aos restantes grupos em relação ao PASCQ-pais ($M=264,89$), seguidos por o grupo relativo a 75%-25% ($M=243,83$) e sendo que o grupo que parece ter menor diferença entre médias às respostas do PASCQ-pais é o

grupo em que a responsabilidade partilhada é de 10%-90% (M=216,20). No entanto, o Teste Kruskal-Wallis demonstrou que as diferenças entre médias da percentagem responsabilidade partilhada e o PASCQ-pais não são estatisticamente significativas ($X^2(5) = 3.793$; $p > 0.05$) (Anexo D).

Relativamente à percentagem de tempo em que o participante coabita habitualmente com o seu filho (a) procedeu-se igualmente ao Teste de Kruskal Wallis, sendo que o grupo que se relaciona mais com o PASCQ-Pais é o grupo que coabita com o seu filho a 100% (M=242.74), seguido do grupo que coabita a 75% (M=238.91), do grupo que coabita a 50 % (M=226,33) e por último, o que se relaciona menos com o PASCQ- Pais é o grupo que coabita a 25 % com o seu filho (M=199.88). O Teste Kruskal-Wallis evidenciou maior média no grupo que coabita com o seu filho a 100% ainda que as diferenças entre médias não sejam estatisticamente significativas ($X^2(3) = 1.348$; $p > 0.05$) (Anexo E).

3.3. Intergeracionalidade das práticas parentais

De forma a explorar se existe relação e qual a relação entre as práticas parentais utilizadas, no presente, pelos participantes com os seus filhos e as anteriormente utilizadas pelos seus pais, no passado, procedeu-se a uma Correlação Bivariada. Análises preliminares foram realizadas para garantir que não houvesse violação das premissas de normalidade. Não tendo sido cumprido o pressuposto da normalidade, procedeu-se a uma análise dos coeficientes de Correlação de *Spearman*, que evidenciou uma correlação fraca, positiva entre PASCQ- pais e PASCQ-filhos ($\rho = ,228$; $p < 0.01$) (Anexo F).

Uma vez que se encontraram dois fatores importantes nos questionários PASCQ- pai e PASCQ-Filhos, para além destas análises, foi importante entender se existia relação entre os fatores apurados neste estudo (práticas parentais positivas e negativas) pertencentes aos dois instrumentos (PASCQ-pais e PASCQ-filhos). Desta forma, procedeu-se à igualmente realização de uma Correlação Bivariada. Os coeficientes de Correlação de *Spearman* indicam que entre Práticas Parentais positivas no PASCQ-filho e as práticas negativas no PASCQ-filhos existe uma correlação negativa e forte ($\rho = -.865$; $p < 0.001$), sendo este um resultado muito significativo. Em relação ao instrumento PASCQ-pais, a relação entre as práticas positivas e as práticas negativas no PASCQ-pais é negativa e forte, sendo este também um resultado muito significativo ($\rho = -.576$; $p < 0.001$) (Anexo G).

Entre Práticas Parentais positivas no PASCQ- filhos e Práticas Parentais positivas no PASCQ-pais a correlação é fraca e positiva ($\rho = .281$; $p < 0.001$) e entre Práticas Parentais positivas no PASCQ-filhos e Práticas parentais negativas no PASCQ-pais existe uma correlação negativa e fraca ($\rho = -.183$; $p < 0.001$) (Anexo G).

Relativamente às Práticas Parentais negativas no PASCQ-filhos, a sua relação com as Práticas parentais positivas no PASCQ-pais é negativa e fraca ($\rho = -.209$; $p < 0.001$) e com as Práticas Parentais Negativas no PASCQ-pais é positiva e fraca ($\rho = -.236$; $p < 0.001$) (Anexo G).

3.3.1. Intergeracionalidade no Apoio à Autonomia

Os coeficientes de correlação de *Spearman* indicam que a relação entre os resultados referentes à dimensão Apoio à Autonomia no questionário PASCQ pais e à dimensão Apoio à Autonomia no questionário PASCQ filhos é fraca e positiva ($\rho = .17$; $p < 0.001$). Mostrando assim que estas dimensões dos dois instrumentos possuem uma relação fraca e positiva (Anexo G).

4| Discussão

Relativamente ao objetivo 1 do nosso estudo - avaliar as percepções dos pais sobre as práticas parentais que utilizam e especificamente na dimensão da autonomia - os resultados do nosso estudo demonstraram que os pais utilizam mais práticas parentais relacionadas com as dimensões Autonomia, Afeto e Estrutura e utilizam menos práticas relacionadas com as dimensões Coerção, Rejeição e Caos. Estes dois conjuntos de dimensões correspondem por sua vez às dimensões relacionadas com práticas parentais positivas (Autonomia, Afeto e Estrutura) e com práticas parentais negativas (Coerção, Rejeição e Caos). Os participantes deste estudo utilizam mais frequentemente práticas parentais positivas ao invés de práticas parentais negativas, sendo o Apoio à Autonomia a dimensão mais reportada pelos participantes e o Caos a menos reportada.

Estes resultados vão no mesmo sentido de alguns estudos (Albuquerque, 2016; Brás, 2008; Gomes, 2017; Nunes, 2015; Lopes, 2019) que demonstram que as práticas parentais mais utilizadas pelos pais em Portugal estão relacionadas com o estilo parental autoritativo, estando este relacionado com práticas parentais relacionadas com as dimensões afeto, autonomia e estrutura. No entanto, reportam ainda que o estilo parental menos utilizado é o autoritário, relacionado com dimensões como a coerção e rejeição, e que entre estes dois se encontra o estilo permissivo, que se relaciona com a dimensão Caos. O que é distinto do que encontramos já que a dimensão menos relacionada com as percepções que os pais têm sobre práticas parentais que utilizam com os seus filhos é a dimensão Caos, dimensão relacionada com o estilo parental permissivo. Estes resultados são assim distintos dos estudos (Albuquerque, 2016; Brás, 2008; Gomes, 2017; Nunes, 2015; Lopes, 2019) que afirmam ser a coerção a dimensão menos relacionada com as práticas parentais utilizadas pelos pais em Portugal.

Relativamente ao segundo objetivo do nosso estudo - avaliar as percepções dos pais sobre as práticas parentais que foram utilizadas consigo pelos seus próprios pais e especificamente na dimensão da autonomia- os nossos resultados demonstram que as práticas parentais mais utilizadas se relacionam com a dimensão Estrutura, seguida pela dimensão Afeto e pela dimensão Apoio à Autonomia. Tal como nas percepções das práticas parentais dos participantes para com os seus filhos, as dimensões relacionadas com

práticas parentais consideradas negativas são as dimensões menos utilizadas, sendo a dimensão rejeição a menos utilizada, seguida da dimensão Caos e da Coerção.

Os resultados vão de acordo com alguns estudos como o de Mimoso (2013) que identifica como as dimensões mais relacionadas com as práticas parentais utilizadas pelos pais dos participantes do seu estudo as dimensões relacionadas com práticas positivas, principalmente a dimensão Afeto. No nosso estudo, no entanto, é a Estrutura a dimensão mais relacionada com as práticas parentais que os participantes percecionam que foram utilizadas consigo pelos seus próprios pais. No entanto a autonomia é percecionada como uma das menos utilizadas no estudo de Mimoso (2013) sendo que no estudo de Romão (2018) as práticas menos utilizadas relacionam-se com um estilo parental permissivo, relacionada com a dimensão Caos, dimensão que, no nosso estudo, também é uma das dimensões menos relacionadas com as práticas parentais dos participantes.

Assim, poderíamos extrapolar teoricamente que os estilos parentais que menos parecem ser utilizadas neste estudo são também o permissivo e o autoritário, sendo que as dimensões relacionadas com práticas positivas e com o estilo parental autoritativo são as mais utilizadas.

Relativamente ao terceiro objetivo deste estudo- avaliar as práticas parentais e especificamente na autonomia em função do nível socioeconómico- concluímos que de modo geral, não existe relação entre as perceções dos participantes relativas às suas práticas parentais com os seus filhos e o nível socioeconómico bem como entre as práticas parentais utilizadas pelos pais dos participantes para com os participantes e o nível socioeconómico. No entanto, relativamente à dimensão Apoio à Autonomia, os resultados demonstram que o nível socioeconómico afeta significativamente o apoio à autonomia que os participantes sentem que receberam dos pais, sendo que participantes de níveis socioeconómicos mais altos demonstram utilizar mais práticas parentais relacionadas com o apoio à autonomia.

Estes resultados vão contra alguns estudos que apoiam, a existência de uma relação entre um nível socioeconómico mais baixo e maior apoio à autonomia com o fundamento de que ao existirem menos recursos disponíveis o apoio à autonomia torna-se fulcral à sobrevivência (e.g. Azar, 2002). Mas vão de encontro a alguns estudos que defendem a relação entre um nível socioeconómico mais alto e o apoio à autonomia (Simões, Calheiros & Alarcão, 2018).

Os resultados gerais, sem ser relativos ao apoio à autonomia, não foram resultados significativos podendo ser que esta variável (NSE) não é em si a que mais afeta as práticas parentais, mas possivelmente o envolvimento dos pais independentemente do NSE como sugerem alguns autores (e.g. Grolnick & Ryan, 1989; Grolnick et al, 2002). No entanto, no nosso estudo também não foram significativos os resultados relativos à percentagem de tempo que o participante partilha a responsabilidade pela educação do seu filho e a percentagem de tempo que o participante coabita com o seu educando, podendo ser que o envolvimento dos pais investigado através de outras variáveis como a percentagem de tempo que os pais se envolvem em atividades com os seus filhos. Pode também estar associada a estes resultados a formulação do NSE em si. No presente estudo o nível socioeconómico foi definido principalmente segundo a profissão/ocupação dos participantes, mas poderão existir ainda outro tipo de variáveis a ter em conta na formulação do NSE tais como rendimento mensal. Existem ainda outros fatores que também podem influenciar o estatuto de nível socioeconómico como por exemplo, avizinhança, a escola, as relações de pares e os fatores de hierarquia social (Roubinov & Boyce, 2017).

Estes resultados demonstram ainda que é necessária uma análise mais aprofundada sobre cada uma das dimensões da parentalidade, sendo que poderão existir algumas dimensões da parentalidade em que o NSE, ou as percentagens de coabitação, tenham impacto e outras em que sim, como aliás foi demonstrado no nosso estudo em relação ao impacto do NSE nas práticas parentais promotoras da autonomia que foram reportadas.

No que diz respeito ao quarto objetivo deste estudo - explorar se existe relação e qual a relação entre as práticas parentais utilizadas, no presente, pelos participantes com os seus filhos e as anteriormente utilizadas pelos pais dos participantes e especificamente na dimensão da autonomia - os resultados não foram os esperados.

Era esperado que quando os pais dos participantes tivessem utilizado mais práticas positivas com os participantes estas seriam também mais utilizadas pelos participantes com seus filhos e que práticas parentais negativas utilizadas por parte dos pais dos participantes estariam relacionadas também com mais práticas parentais negativas utilizadas por parte dos participantes, mas o que de facto aconteceu foi que apesar das práticas parentais das duas gerações se relacionarem a sua ligação é muito fraca, desta forma as práticas parentais dos pais não determinam fortemente as práticas parentais dos filhos.

Um outro aspeto relevante do nosso estudo é que revela uma relação forte entre as práticas parentais positivas que os pais utilizam com os seus filhos e as práticas negativas que utilizam com os seus filhos bem como uma relação forte entre práticas parentais positivas e negativas das práticas parentais que sentem que os seus pais utilizaram consigo.

Estas descobertas permitem-nos concluir que quer os participantes quer os seus pais quanto mais práticas parentais positivas utilizam, utilizam menos práticas parentais negativas. Apoiando alguns estudos (e.g. Skinner, Johnson & Snyder, 2005) que propõem a divisão das práticas parentais em dois grupos (positivas e negativas) como sendo bem definidos e delimitados.

O nosso estudo contribuiu para o conhecimento da perceção das práticas parentais de pais de crianças. Apesar de abordadas neste estudo diferentes variáveis que podem influenciar as práticas parentais, como as práticas parentais utilizadas pelos pais dos participantes ou como o nível socioeconómico, parecem existir outras variáveis que apesar de não avaliadas neste estudo poderão influenciar as práticas parentais, como as características individuais dos participantes ou a presença de outras pessoas na vida destes indivíduos, tais como amigos, outros parentes ou até de instituições que podem influenciar as perceções dos pais sobre práticas parentais (Cicchetti & Rizley, 1981; Hunter & Kilstrom, 1979).

Podemos ainda concluir que o nível socioeconómico tem influência nas práticas parentais, em específico na Autonomia. Os nossos resultados apoiam desta forma diversos estudos que apontam para a importância da influência do NSE nas práticas parentais (Roubinov & Boyce, 2017; Zahn-Waxler, Duggal & Gruber, 2002). Esta relação só se encontrou numa das dimensões estudadas, no Apoio à Autonomia, apontando para a importância de se explorar de modo mais aprofundado a relação entre o nível socioeconómico e as práticas parentais investigando as condições específicas ou os contextos em que esta relação surge.

Limites e estudos futuros

No presente estudo há diversos limites que devem ser considerados. Primeiramente, relativamente às características dos participantes, a maior parte dos participantes (pais) eram mães, desta forma as percepções que obtivemos deste estudo não são possíveis de generalizar para os dois sexos, apesar de as percentagens relativas aos educandos serem idênticas entre os dois sexos. Por outro lado, embora não possamos controlar este aspeto, apenas um dos pais respondeu ao questionário, tendo disponível apenas uma perspetiva da parentalidade um dos educandos.

Relativamente ao procedimento e aos resultados, a recolha dos dados ao ter sido realizada somente *online* os dados podem ter sido influenciados por existir um distanciamento do investigador e do participante, não existindo um contacto próximo com o participante, os participantes podem ter respondido com menos atenção ou mais apressados.

Relativamente às percepções dos participantes das suas práticas parentais e das práticas parentais utilizadas pelos seus pais consigo são relatadas que são utilizadas mais práticas parentais relacionadas com dimensões consideradas positivas e menos utilizadas práticas parentais relacionadas com as dimensões consideradas negativas, os nossos resultados podem ter sido influenciados por desabilidade social, na medida que não é aceitável afirmar que na educação se utilizem práticas parentais que estão relacionadas com uma conotação negativa.

Os nossos resultados podem ter sido ainda influenciados por o nosso estudo ser uma primeira avaliação das práticas parentais com estes questionários (PASCQ- Questionário sobre pais como contexto social-forma pais e PASCQ-Questionário sobre pais enquanto contexto socialização-forma filhos) em Portugal e desta forma, não existem estudos com a nossa população para comparar. Assim, é necessária a replicação do estudo, na medida em que estes instrumentos sejam avaliados com a população portuguesa.

Um outro limite deste estudo está relacionado com a questão do questionário PASCQ-filhos ter sido inicialmente direcionado para uma população adolescente e neste estudo foi aplicado a uma população adulta, podendo desta forma ter tido um impacto na estimativa das dimensões parentais como indicado em estudos anteriores (e.g. Park & Lau, 2016).

Em relação ao nível socioeconómico, é importante clarificar que apesar de a formulação de NSE neste estudo ter em conta a profissão e em alguns casos o grau de escolaridade, não teve em conta o fator de rendimento mensal, fator que pode pôr em causa a codificação correta de participantes em NSE específicos. Uma outra limitação prende-se com o facto de os próprios investigadores que analisaram os resultados e a maior parte dos investigadores na área da parentalidade serem de um nível socioeconómico médio-alto/alto, que pode influenciar as ideias relativas à parentalidade, pela experiência do que, no seu próprio NSE é considerada como sendo uma “boa” ou “má” parentalidade, podendo influenciar assim a interpretação dos resultados (Roubinov & Boyce, 2017).

Conclusão

Este estudo revelou que as perceções que os pais têm sobre as suas práticas parentais e as perceções que têm sobre as práticas que os seus pais utilizaram consigo são práticas na sua maioria relacionadas com dimensões consideradas positivas da parentalidade, tais como o Apoio à Autonomia, caracterizando assim as práticas parentais utilizadas em Portugal como sendo na maioria práticas parentais positivas.

Foi ainda demonstrada uma relação entre as práticas parentais negativas e positivas nas duas gerações avaliadas, ou seja, quer os participantes quer os seus pais demonstram que quanto mais práticas parentais positivas utilizam, utilizam menos práticas parentais negativas.

As nossas descobertas permitem-nos ainda concluir que as práticas utilizadas na geração avós-pais parecem não determinar fortemente as práticas parentais utilizadas na geração pais-netos e que é necessário continuar a investigar esta relação procurando entender as suas características.

Este estudo salienta ainda a importância do nível socioeconómico no estudo da parentalidade, realçando a sua relação com o Apoio à autonomia que os participantes sentem que receberam dos seus pais. Estes resultados alertam para o estudo de diferentes grupos socioeconómicos e das suas diferenças nas práticas parentais, esse estudo poderá ajudar a entender como intervir em diferentes grupos socioeconómicos para promover melhores práticas parentais.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Albuquerque, S. D. Q. (2016) Género e estilos parentais: Um estudo sobre a relação entre género dos pais e dos filhos e práticas de estilos parentais (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa.
- Aulia, N. M. (2017). Analysis of Mother's Personality, Mother's Parenting Style, and Adolescent's Autonomy in Rural Families. *Journal of Child Development Studies*, 2(2), 11-23. doi: 10.29244/jcds.2.2.11-23
- Azar, S. T. (2002). Parenting and child maltreatment. In Bornstein (eds.) (2002). *Handbook of parenting volume 4: Social Conditions and Applied Parenting*, 361- 388. doi: 10.2307/1602753
- Baldwin, A. L., Kalhoun, J., & Breese, F. H. (1945). Patterns of parent behavior. *Psychological Monographs*, 58 (3). doi: 10.1037/h0093566.
- Barber, B. K. (1997). Introduction: Adolescent socialization in context-the role of connection, regulation, and autonomy in the family. *Journal of Adolescent Research*, 12, 5-11. doi: 10.1177/0743554897121002
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological bulletin*, 117(3), 497. doi: 10.1037/0033-2909.117.3.497
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 83-96. doi: 10.2307/1129836
- Benecke, C. (2014). Interventionsformem In *Klinische Psychologie und Psychotherapie: Ein integratives Lehrbuch*. Kohlhammer Verlag, 1, 543-545.

- Bornstein, M. H. (2006). Parenting: science and practice In Damon, W. & Lerner, R. M. (eds.) (2006). *Handbook of child psychology*, 4, 896-934. doi: 10.1080/15295192.2001.9681208
- Bornstein, M. H., Hahn, C.-S., Suwalsky, J. T. D., & Haynes, O. M. (2003). Socioeconomic status, parenting, and child development: The Hollingshead Four- Factor Index of Social Status and The Socioeconomic Index of Occupations. In M.H. Bornstein & R. H. Bradley (Eds.), *Socioeconomic status, parenting, and child development* (pp. 29–82). Lawrence Erlbaum Associates Publishers. doi: 10.4324/9781410607027
- Brás, P. M. F. (2008). Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais (Dissertação de mestrado). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/9970>
- Carvalho, A. D. (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Cicchetti, D., and Rizley, R. (1981). Developmental perspectives on the etiology, intergenerational transmission, and sequelae of child maltreatment. *New Directions for Child Development*, 11, 31–56. doi: 10.1002/cd.23219811104
- Clark, K. E., & Ladd, G. W. (2000). Connectedness and autonomy support in parent–child relationships: Links to children's socioemotional orientation and peer relationships. *Developmental psychology*, 36(4), 485. doi: 10.1037/0012-1649.36.4.485
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. doi: 10.4324/9780203771587
- Coll, C. G., & Pachter, L. M. (2002). Ethnic and minority parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Social conditions and applied parenting* (2nd ed., vol. 4, pp. 1–17). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Connell, J. P., & Wellborn, J. G. (1991). Competence, autonomy and relatedness: A motivational analysis of self-system processes. In M. Gunnar & L. A. Sroufe (Eds.)

(1991), Minnesota Symposium on Child Psychology: Vol. 23.

Deci, E. L., Schwartz, A. J., Sheinman, L., & Ryan, R. M. (1981). An instrument to assess adults' orientations toward control versus autonomy with children: Reflections on intrinsic motivation and perceived competence. *Journal of Educational Psychology*, 73(5), 642-650. doi: 10.1037/0022-0663.73.5.642

Flax, J. (1978). The conflict between nurturance and autonomy in mother-daughter relationships and within feminism. *Feminist Studies*, 4(2), 171-189. doi: 10.2307/3177468

Fletcher, A. C., Walls, J. K., Cook, E. C., Madison, K. J., & Bridges, T. H. (2008). Parenting style as a moderator of associations between maternal disciplinary strategies and child well-being. *Journal of Family Issues*, 29(12), 1724-1744. doi: 10.1177/0192513X08322933

Gomes, S. O. (2017). Estilos, práticas parentais e percepção das capacidades e dificuldades dos filhos: um estudo exploratório na população geral (Dissertação de Mestrado). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/9970>

Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54.

Grolnick, W. S., & Ryan, R. M. (1989). Parent styles associated with children's self-regulation and competence in school. *Journal of Educational Psychology*, 81, 143-154. doi: 10.1037/0022-0663.81.2.143

Grolnick, W. S., Gurland, S. T., DeCoursey, W., & Jacob, K. (2002). Antecedents and consequences of mothers' autonomy support: An experimental investigation. *Developmental Psychology*, 38, 143-154. doi:10.1037/0012-1649.38.1.143

- Hunter, R. S., & Kilstrom, N. (1979). Breaking the cycle in abusive families. *The American Journal of Psychiatry*, 136, 1320–1322. doi:10.1176/ajp.136.10.1320
- Kaufman, E. A., Xia, M., Fosco, G., Yaptangco, M., Skidmore, C. R., & Crowell, S. E. (2016). The Difficulties in Emotion Regulation Scale Short Form (DERS-SF): Validation and replication in adolescent and adult samples. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 38(3), 443-455. doi: doi.org/10.1007/s10862-015-9529-3
- Kelley, M. L., & Tseng, H. M. (1992). Cultural differences in child rearing: A comparison of immigrant Chinese and Caucasian American mothers. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 23(4), 444-455. doi: 10.1177/0022022192234002
- Labouvie-Vief, G. (1982). Dynamic development and mature autonomy. *Human Development*, 25(3), 161-191. doi: 10.1159/000272795
- Lehman, B. J., Taylor, S. E., Kiefe, C. I., & Seeman, T. E. (2005). Relation of childhood socioeconomic status and family environment to adult metabolic functioning in the CARDIA study. *Psychosomatic medicine*, 67(6), 846-854. doi: 10.1097/01.psy.0000188443.48405.eb
- Lopes, D. J. (2019). Práticas disciplinares parentais e contextos de suporte: percepções de pais de crianças em idade pré-escolar (Dissertação de Mestrado). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.14/29956>
- Lopes, R. F. F., Bizinoto, J. F. S., Rodrigues, L. B., & Neufeld, C. B. (2014). Contribuições da escola alemã para a terapia do esquema para crianças. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(2), 93-102. doi: 10.5935/1808-5687.20140015
- Lorr, M., & Jenkins, R. L. (1953). Three factors in parent behavior. *Journal of Consulting Psychology*, 17(4), 306. doi: 10.1037/h0055713
- Maslow, A. (1954). A theory of human motivation In Maslow, A. (Eds.) (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row, 19-58. doi: 10.1037/h0054346

- Mimoso, A. R. (2013). Perceção das Atitudes Parentais e Bem-estar Psicológico em Adolescentes (Dissertação de Mestrado). Retirado de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9810/1/ulfpie044726_tm.pdf.
- Nunes, M. D. R. D. S. (2015). Estilos Parentais e Stress Parental em pais com crianças em idade precoce (Dissertação de Mestrado). Disponível em <http://hdl.handle.net/10284/4756>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011). Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Diário da República 2ª série, 78, 17931-17936.
- Pallant, J. (2007). SPSS: A Step by Step guide to Data Analysis Using SPSS for Windows (Version 15) (3rd ed.). Crows Nest, NSW: Allen & Unwin.
- Papoušek, H., & Papoušek, M. (2002). Intuitive parenting In Bornstein (eds.) (2002). Handbook of Parenting Volume 2: Biology and Ecology of Parenting, 183- 203. doi: 10.1007/978-3-211-99131-2_903
- Park, H., & Lau, A. S. (2016). Socioeconomic status and parenting priorities: Child independence and obedience around the world. *Journal of Marriage and Family*, 28(1), 43–59. doi: 10.1111/jomf.12247
- Ribeiro, F. C. C. (2016). Vinculação, parentalidade e supressão emocional: um estudo diádico (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/86723/2/166654.pdf>
- Romão, M. R. D. S. M. (2018). " Filho és pai/mãe serás": das memórias de infância aos estilos parentais atuais (Dissertação de Mestrado). Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/37318>
- Roubinov, D. S., & Boyce, W. T. (2017). Parenting and SES: relative values or enduring principles?. *Current opinion in psychology*, 15, 162-167. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.03.001

- Ryan, R. M. (1991). The nature of the self in autonomy and relatedness. In J. Strauss & G. R. Goethals (Eds.), *The self: Interdisciplinary approaches* (pp. 208-238). New York: Springer-Verlag. doi: 10.1007/978-1-4684-8264-5_11
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American psychologist*, 55(1), 68. doi: 10.1037/110003-066X.55.1.68
- Simões, F., Calheiros, M. M. & Alarcão, M. M. A. (2018). Socioeconomic status, multiple autonomy support attunement, and early adolescents' social development. *Journal of Community Psychology*. 46 (6), 790-805. doi:10.1002/jcop.21973
- Skinner, E., Johnson, S., & Snyder, T. (2005). Six dimensions of parenting: A motivational model. *Parenting: Science and practice*, 5(2), 175-235. doi: 10.1207/s15327922par0502_3
- Teti, D. M., & Candelaria, M. A. (2002). Parenting competence. In Bornstein (eds.) (2002). *Handbook of parenting volume 4: Social Conditions and Applied Parenting*, 149-180. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Vaz-Velho, C. (2016). Bem-estar, regulação de necessidades psicológicas e processo psicoterapêutico: integrando a perspetiva dos pacientes (Tese de Doutoramento). Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25150/1/ulsd729861_td_Catarina_Velho.pdf
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). Schema therapy: conceptual model. In Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (Eds.) (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York: Guilford, 1-62.
- Zahn-Waxler, C., Duggal, S., & Gruber, R. (2002). Parental psychopathology. In Bornstein (eds.) (2002). *Handbook of parenting volume 4: Social Conditions and Applied Parenting*, 295-328.

Anexos

Anexo A

Protocolo de investigação

Consentimento informado para participação em investigação

OBJETIVO

Vimos convidá-lo(a) a participar num estudo que pretende avaliar os estilos dos pais na interação com os seus filhos. Sabemos que não existem formas de interagir certas ou erradas mas é importante desenvolver um instrumento que permita compreender como diferentes de estilos de interação se relacionam com a perceção que os pais têm dos estilos dos seus próprios pais/educadores. Este estudo permitirá o desenvolvimento de intervenções para o desenvolvimento de competências parentais que permitam aos pais corresponder às necessidades psicológicas dos seus filhos, pelo que a sua contribuição será da máxima importância.

A designação deste estudo é “Transmissão entre gerações dos estilos parentais”. Peço-lhe que leia este documento e coloque todas as questões que tiver antes de concordar em participar.

Este projeto está a ser desenvolvido pelo Núcleo de Psicoterapia Cognitiva, Comportamental e Integrativa da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação da Prof.a Doutora Isabel Sá, em colaboração com os colegas Prof.a Catarina Vaz Velho, do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora e o Prof. Doutor Tiago Almeida, da Escola Superior de Educação de Lisboa.

PROCEDIMENTO

Pedimos-lhe que preencha três questionários: um apresenta diferentes formas de relacionamento com os seus filhos, e pede-lhe que indique a frequência com que reage de cada uma das formas apresentadas; no segundo, solicita-se que descreva o que faz e sente quando procura regular as suas emoções quando está perturbada/o (por exemplo, aborrecida/o, zangada/o, preocupada/o). Por último, pedimos-lhe que descreva a forma como os seus pais interagem consigo. Ao todo poderá demorar 30 minutos.

POTENCIAIS RISCOS

Os riscos são mínimos e não excedem aqueles colocados por outros testes psicológicos utilizados quer na educação, quer na prática clínica. Este tipo de instrumentos é extensamente utilizado em programas de intervenção/ investigação e as respostas das pessoas sobre a sua vida pode revelar aspectos importantes sobre o seu mundo social e psicológico.

CONFIDENCIALIDADE

Os dados obtidos neste estudo serão mantidos privados. As respostas aos questionários serão completamente anónimas e confidenciais. Os resultados serão utilizados apenas em relatórios e publicações científicas. No caso de desejar obter uma síntese dos resultados obtidos, a sua identidade nunca será revelada.

NATUREZA VOLUNTÁRIA DA PARTICIPAÇÃO

A participação neste estudo é voluntária. Se decidir participar, é livre de abandonar o estudo em qualquer momento sem qualquer prejuízo para si.

CONTACTOS E QUESTÕES

A investigadora responsável pelo estudo é a Prof.a Doutora Isabel Sá.

Pode colocar qualquer questão que tenha através do endereço: misa@psicologia.ulisboa.pt.

Pode igualmente contactar os outros membros da equipa através dos endereços: vazvelho@uevora.pt; tiagoa@eselx.ipl.pt;

Se desejar ter acesso a um resumo dos resultados do estudo, pode contactar-nos através dos endereços referidos, para que lhe possa ser enviado assim que disponível.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Li toda a informação recebida e recebi os esclarecimentos necessários. Consinto participar no estudo “Transmissão entre gerações dos estilos parentais”.

Aceito participar

Sim

Questionário sociodemográfico

Pais:

Responda a estas questões sobre si:

1. **Sexo:** M F

2. **Idade** _____ 3. **Naturalidade** _____

4. Escolaridade:

9º ano de escolaridade ou menos 12º ano de escolaridade

Licenciatura Mestrado Doutoramento

5. **Profissão** _____

6. **Estado civil:** Solteiro(a) Casado(a) União de Facto

Divorciado(a)/Separado(a)

Filho (a)/educando(a):

Responda a estas questões sobre o seu filho/filha:

1. **Sexo** M F

2. **Idade** _____

3. **Naturalidade** _____

QUESTIONÁRIO SOBRE OS PAIS COMO CONTEXTO SOCIAL(FORMA PAIS)

- | | 1 | 2 | 3 | 4 |
|---|---|---|---|---|
| 1. Sei muito sobre o que se passa com o/a meu/minha filho/a. | | | | |
| 2. Às vezes o meu filho(a) é uma pessoa de quem é difícil gostar. | | | | |
| 3. Eu digo claramente o que irá acontecer caso o/a meu/minha filho/a não siga as nossas regras. | | | | |
| 4. Eu incentivo o/a meu/minha filho/a a expressar os seus sentimentos mesmo quando são difíceis de ouvir. | | | | |
| 5. Eu deixo o/a meu/minha filho/a fazer coisas que realmente não deveria deixar. | | | | |
| 6. A/O minha/meu filha/o está sempre a desafiar-me. | | | | |
| 7. Eu sei realmente como a/o meu/minha filho/a sente as coisas. | | | | |
| 8. Por vezes sinto as exigências do/a meu/minha filho/a como um peso. | | | | |
| 9. Eu digo claramente à/ao minha/meu filha/o o que espero dele(a). | | | | |
| 10. Quando o/a meu/minha filho/a arranja problemas a minha reação é imprevisível. | | | | |
| 11. Eu encorajo a/o minha/meu filha/o a expressar as suas opiniões mesmo quando não concordo com elas. | | | | |
| 12. Eu faço coisas especiais com o/a meu/minha filho/a. | | | | |
| 13. Não compreendo muito bem o/a meu/minha filho/a. | | | | |
| 14. A/O minha/meu filha/o precisa de mais tempo do que aquele que tenho tempo para lhe dar. | | | | |
| 15. Quando castigo o/a meu/minha filho/a, explico sempre o porquê de o fazer. | | | | |
| 16. Eu confio na/no minha/meu filha/o. | | | | |
| 17. A/O minha/meu filha(o) não parece saber o que eu espero dela(e). | | | | |

18. Eu arranjo tempo livre para falar com o/a meu/minha filho/a sobre o que é importante para ele/a.

19. Eu encorajo o/a meu/minha filho/a a ser verdadeiro(a) consigo próprio/a.

20. Sinto-me bem com a relação que tenho com o/a meu/minha filho/a.

21. Tenho que gritar com a/o minha/meu filha/o para conseguir que faça alguma coisa.

22. Quando eu digo ao/à meu/minha filho/a que vou fazer qualquer coisa, eu cumpro.

23. Eu vejo-me envolvido em lutas de poder com a/o minha/meu filha/o.

24. Eu mudo muito as regras lá em casa.

25. Eu espero que a/o minha/meu filha/o diga aquilo que realmente pensa.

26. Consigo sempre encontrar tempo para o/a meu/minha filho/a.

27. Às vezes sinto que tenho de forçar o/a meu/minha filho/a a fazer as coisas.

28. Se a/o minha/meu filha/o tem um problema eu ajudo-a/o a descobrir o que fazer.

29. Às vezes sinto que não consigo estar disponível para o/a meu/minha filho/a como ele(a) precisa que eu esteja.

30. Eu posso zangar-me com o/a meu/minha filho/a inesperadamente.

31. Eu não posso deixar a/o minha/meu filha/o decidir demasiadas coisas por si própria/o.

32. Eu tenho a expectativa que a/o minha/meu filha/o siga as regras da nossa família.

33. Eu digo ao/à meu/minha filho/a que gosto dele/a.

QUESTIONÁRIO SOBRE OS PAIS ENQUANTO CONTEXTO SOCIALIZAÇÃO (FORMA FILHOS)

	1	2	3	4
1. Os meus pais diziam-me que gostavam de mim.				
2. Quando eu queria fazer alguma coisa os meus pais mostravam-me como se faz.				
3. Quando os meus pais faziam uma promessa nunca sabia se a iriam cumprir.				
4. Às vezes pergunto-me se os meus pais gostavam de mim.				
5. Quando os meus pais diziam que iam fazer alguma coisa eu sabia que o fariam.				
6. Os meus pais confiavam em mim.				
7. Os meus pais esperavam que eu dissesse aquilo que pensava.				
8. Os meus pais estavam sempre a dizer-me o que fazer.				
9. Os meus pais gostavam de estar comigo.				
10. Quando queria perceber como é que as coisas funcionavam os meus pais explicavam-me.				
11. Os meus pais achavam que eu era sempre um empecilho.				
12. Quando os meus pais diziam que iam fazer alguma coisa nem sempre o faziam.				
13. Os meus pais ficavam sempre contentes por me ver.				
14. Os meus pais achavam que mandavam em mim.				
15. Os meus pais aceitavam-me como eu era.				
16. Os meus pais pensavam que só havia uma maneira certa de fazer as coisas: a deles.				
17. Quando eu tinha um problema os meus pais ajudavam-me a pensar o que fazer.				
18. Os meus pais faziam-me sentir indesejada(o).				
19. Os meus pais estavam sempre a mudar as regras em relação a mim.				
20. Os meus pais deixavam-me fazer as coisas que eu achava importantes.				



21. Os meus pais diziam que “não” a tudo

22. Eu nunca sabia o que os meus pais iam fazer.

23. Os meus pais achavam que eu era especial.

24. Os meus pais explicavam-me os porquês das regras da nossa família.

25. Não me era permitido discordar dos meus pais.

26. Nada que eu fizesse era suficientemente bom para os meus pais.

27. Os meus pais ficavam zangados comigo de um momento para o outro de modo imprevisível

28. Os meus pais queriam saber a minha opinião sobre como devíamos fazer as coisas.

29. Os meus pais não gostavam realmente de mim.

30. Os meus pais conseguiam saber como eu me sentia sem me perguntar.

31. Os meus pais esperavam que eu seguisse as regras familiares.

32. Os meus pais procuravam compreender o meu ponto de vista.

33. Quando estava perturbada(o) os meus pais não queriam saber.

34. Quando fazia alguma coisa mal nunca sabia como é que os meus pais iriam reagir.

35. Quando os meus pais me pediam para fazer alguma coisa explicavam-me o porquê.

36. Os meus pais pensavam sempre que eles é que sabiam mais sobre tudo.

37. Os meus pais estavam contentes com a minha forma de ser.

38. Os meus pais castigavam-me sem razão.

39. Os meus pais não falavam muito sobre as coisas positivas que eu fazia, mas estavam sempre a falar das negativas.

40. Os meus pais mostravam-me como fazer as coisas por mim própria(o).

41. Muitas vezes não sabia onde é que os meus pais estavam.



42. Os meus pais encorajavam-me a ser verdadeira(o)comigo própria(o).

43. A única razão que os meus davam era: “Porque eu digo”.

44. Os meus pais compreendiam-me muito bem.

45. Os meus pais tentavam controlar tudo o que eu fazia.

46. Os meus pais implicavam comigo por pequeninas coisas.

47. Os meus pais mantinham as suas promessas.

48. Os meus pais estavam contentes por eu ser a(o) sua/seu filha(o).

DERS-18

(Gratz, K. & Roemer, L., 2004; Kaufman et al., 2016)

(Tradução e adaptação: Fernandes, S.; Pinheiro, M.J.; & Sá, I., 2017)

Instruções:

Estamos interessados em saber o que as pessoas fazem e sentem quando procuram regular as suas emoções quando estão perturbadas (por exemplo, aborrecidas, zangadas, preocupadas). Todos nós somos diferentes no modo de lidarmos com as nossas emoções, e como tal, sentimos dificuldades diferentes, por isso, não há respostas certas ou erradas.

Por favor, leia cuidadosamente cada afirmação e assinale para cada uma delas, usando a escala indicada, o modo como costuma lidar com as suas emoções.

	1	2	3	4	5
	Quase Nunca	Algumas Vezes	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Quase sempre
35. Quando estou perturbado(a) demora muito tempo até me sentir melhor.	1	2	3	4	5
4. Não faço ideia de como me sinto.	1	2	3	4	5
26. Quando estou perturbado(a) tenho dificuldade em concentrar-me.	1	2	3	4	5
8. Importo-me com aquilo que sinto.	1	2	3	4	5
9. Sinto-me confuso(a) com a forma como me sinto.	1	2	3	4	5
12. Quando estou perturbado(a) fico embaraçado(a) por me sentir assim.	1	2	3	4	5
10. Quando estou perturbado(a) reconheço as minhas emoções.	1	2	3	4	5
13. Quando estou perturbado(a) tenho dificuldade em trabalhar.	1	2	3	4	5
14. Quando estou perturbado(a) fico descontrolado(a).	1	2	3	4	5
16. Quando estou perturbado(a) acredito que vou acabar por ficar muito deprimido(a).	1	2	3	4	5

18. Quando estou perturbado(a) tenho dificuldade em concentrar-me noutras coisas.	1	2	3	4	5
25. Quando estou perturbado(a) sinto-me culpado(a) por me sentir assim.	1	2	3	4	5
5. Tenho dificuldade em entender os meus sentimentos.	1	2	3	4	5
27. Quando estou perturbado(a) tenho dificuldade em controlar os meus comportamentos.	1	2	3	4	5
28. Quando estou perturbado(a) acho que não há nada que possa fazer para me sentir melhor.	1	2	3	4	5
29. Quando estou perturbado(a) fico irritado(a) comigo mesmo(a) por me sentir assim.	1	2	3	4	5
32. Quando estou perturbado(a) perco o controlo dos meus comportamentos.	1	2	3	4	5
2. Presto atenção à forma como me estou a sentir.	1	2	3	4	5

COTAÇÃO:

Estratégias: 35, 28, 16

Não aceitação: 12, 25, 29

Impulsos: 14, 32, 27

Objectivos: 18, 26, 13

Consciência: 8 R, 10 R, 2 R

Clareza: 9, 5, 4

Anexo B

Estatística descritiva do instrumento PASCQ-pais (Tabela B1) e PASCQ-filhos (Tabela B2)

Tabela B1

	Mín-Max	Média	Desvio-padrão	Alpha-Cronbach
PASCQ (pais) TOTAL	2-3,48	2,80	0,20	0,612
Afeto	1,57-4	3,49	0,40	0,765
Rejeição	1-3,60	1,95	0,56	0,657
Estrutura	1,83-4	3,44	0,41	0,640
Caos	1-3,60	1,67	0,49	0,628
Autonomia	2,20-4	3,74	0,34	0,718
Coerção	1-4	2,08	0,60	0,715

Tabela B2

	Min- Máx	Média	Desvio- padrão	Alpha- Cronbach
PASCQ (filhos) TOTAL	1,88-3,13	2,44	0,18	0,387
Afeto	1-4	2,88	0,77	0,929
Rejeição	1-4	1,76	0,77	0,916
Estrutura	1-4	2,89	0,73	0,870
Caos	1-4	1,78	0,68	0,866
Autonomia	1-4	2,77	0,83	0,927
Coerção	1-4	2,57	0,83	0,906

Anexo C

Análise das diferenças nas práticas parentais em relação ao NSE

Tabela C1

Postos

	NSE	N	Posto Médio
PASCQP	1	14	240,46
	2	130	238,82
	3	89	236,17
	4	245	241,02
	Total	478	
PASCQF	1	14	283,36
	2	130	230,45
	3	89	235,62
	4	245	243,20
	Total	478	

Tabela C2

Estatísticas de teste^{a,b}

	PASCQP	PASCQF
Qui-quadrado	,085	2,219
gl	3	3
Significância Assint.	,994	,528

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: NSE

Análise das diferenças nas práticas parentais na dimensão apoio à autonomia em relação ao NSE

Tabela C3

<i>Postos</i>	NSE	N	Posto Médio
autonomia_pais	1	14	241,00
	2	130	215,99
	3	89	245,27
	4	245	249,79
	Total	478	
autonomia_filhos	1	14	199,75
	2	130	196,50
	3	89	245,43
	4	245	262,43
	Total	478	

Tabela C4

Estatísticas de teste^{a,b}

	autonomia_pais	autonomia_filhos
Qui-quadrado	5,932	20,722
gl	3	3
Significância Assint.	,115	,000

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: NSE

Anexo D

Análise das diferenças nas práticas parentais em relação à partilha de responsabilidade do educando

Tabela D1

	7. Como sente que partilha a responsabilidade pela educação/cuidado do seu filho(a)	N	Posto Médio
PASCQP	10% - 90%	20	216,20
	25% - 75%	27	223,15
	50% - 50%	189	231,49
	75% - 25%	121	243,83
	90% - 10%	61	264,89
	100% - 0%	58	237,30
	Total	476	

Tabela D2

Estatísticas de teste^{a,b}

	PASCQP
Qui-quadrado	3,793
gl	5
Significância Assint.	,580

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: 7. Como sente que partilha a responsabilidade pela educação/cuidado do seu filho(a)

Anexo E

Análise das diferenças nas práticas parentais em relação à percentagem e tempo coabitação

Tabela E1

Postos

	5. Percentagem de tempo em que coabita habitualmente com o seu filho(a)	N	Posto Médio
PASCQP	100%	336	242,74
	75%	79	238,91
	50%	55	226,33
	25%	8	199,88
	Total	478	

Tabela E2

Estatísticas de teste^{a,b}

	PASCQP
Qui-quadrado	1,348
gl	3
Significância Assint.	,718

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: 5. Percentagem de tempo em que coabita habitualmente com o seu filho(a)

Anexo F

Análise da correlação entre PASCQ- pais e PASCQ-filhos

Tabela F1

Correlações de Spearman PASCQ (pais) e PASCQ (filhos)

		PASCQF	PASCQP
rô de Spearman	PASCQF	Coefficiente de Correlação	1,000
		Sig. (bilateral)	.
		N	478
	PASCQP	Coefficiente de Correlação	,228**
		Sig. (bilateral)	,000
		N	478

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

Anexo G

Análise da correlação entre práticas positivas e negativas (PASCQ-pais e PASCQ-filhos)

Tabela G1

Correlações Práticas positivas e negativas (PASCQ-pais e PASCQ-filhos)

			Praticaspositiva s_filhos	Praticasnegativa s_filhos	Praticaspositiv as_pais	Praticasnegativ as_pais
rô de Spear man	Praticaspositiva s_filhos	Coefici ente de Correla ção	1,000	-,865**	,281**	-,183**
		Sig. (unilate ral)	.	,000	,833	,000
		N	478	478	478	478
	Praticasnegativa s_filhos	Coefici ente de Correla ção	-,865**	1,000	-,209**	,236**
		Sig. (unilate ral)	,000	.	,000	,000
		N	478	478	478	478
	Praticaspositiva s_pais	Coefici ente de Correla ção	,281**	-,209**	1,000	-,579**
		Sig. (unilate ral)	,000	,000	.	,000
		N	478	478	478	478
	Praticasnegativa s_pais	Coefici ente de Correla ção	-,183**	,236**	-,579**	1,000
		Sig. (unilate ral)	,000	,000	,000	.
		N	478	478	478	478

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (unilateral).

Anexo H

Análise da correlação entre apoio à autonomia (PASCQ-pais) e apoio à autonomia (PASCQ-filhos)

Tabela H1

Correlações Apoio à Autonomia (PASCQ-pais e PASCQ-filhos)

		autonomia_pais	autonomia_filhos
rô de Spearman	autonomia_pais	Coefficiente de Correlação	,173**
		Sig. (bilateral)	,000
		N	478
	autonomia_filhos	Coefficiente de Correlação	,173**
		Sig. (bilateral)	,000
		N	478

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).